

Animação de imagens : uma nova interface entre a fotografia e os meios digitais na produção de narrativas

Ana Elisabete Lopes.

Universidade Estácio de Sá

Instituto Helena Antipoff-SME/RJ

Resumo

O texto apresenta a pesquisa-intervenção desenvolvida numa escola especial da rede pública municipal do Rio de Janeiro que buscou criar um espaço de trabalho inclusivo, onde a linguagem fotográfica ocupou lugar de destaque como meio e mediação dos processos de construção do conhecimento, de constituição de subjetividades, de interação social e de produção artística. No diálogo com o pensamento de autores, tais como, Mikhail Bakhtin, Vygotsky, W.Benjamin, dentre outros, refletimos sobre a contribuição dos meios digitais na experiência do ato fotográfico e no processo de animação de imagens e analisamos as narrativas produzidas pelo grupo durante a produção de uma animação, quando foram reveladas características e especificidades que aproximam e distinguem os sujeitos que interagem nesse processo. Educação Especial, arte educação, fotografia, animação.

Abstract

The following text is a research-intervention developed in a special school of the public municipal network in Rio de Janeiro, aiming at creating a forum for inclusive work, in which the language of photography had an important role as a means and mediation of knowledge building processes, subjectivity building, social interaction and artistic production. In the dialogue with the thoughts of the authors, such as Mikhail Bakhtin, Vygotsky, W.Benjamin, and others, we reflect on the contributions of digital media to the experience of the photographic act, and to the image animation process. We also analyzed the narratives made by the group during the production of an animation, in which certain features and specificities were revealed that make the subjects involved in the process come nearer to one another, and that separated them.

O objetivo deste texto é colocar em discussão alguns aspectos observados no desenvolvimento da pesquisa de campo que resultou na tese de doutorado intitulada “Olhares Compartilhados: o ato fotográfico como experiência alteritária e dialógica”. Esta pesquisa de campo configurou-se como um espaço de trabalho sistemático denominado *Oficina de Photos&Graphias*, que teve como objetivo criar um espaço de produção, discussão e análise da linguagem fotográfica como recurso pedagógico e metodologia de pesquisa.

Neste contexto, procuramos apresentar, disponibilizar e incentivar a pesquisa de vários meios, ou seja, de diferentes ferramentas que foram desenvolvidas pela sociedade para realizar a experiência de registro e fixação da imagem. Através da mobilização do diálogo do aluno com os meios e através deles, pretendemos ampliar suas interações objetivas e subjetivas consigo mesmo e com o mundo a sua volta.

Nas atividades propostas, procuramos articular a linguagem fotográfica a diferentes materiais expressivos, técnicas e linguagens visuais, que fazem parte do acervo e dos recursos disponíveis para a produção de imagens no mundo contemporâneo. Além da utilização de câmeras automáticas e da técnica fotográfica tradicional, pesquisamos o campo de produção de imagens via fotografia e manipulação digital. Somado a esses recursos tecnológicos, procuramos integrar o trabalho de criação às linguagens do desenho e da pintura. Desta forma, articulando as “linguagens pré-fotográficas, fotográficas e pós-fotográficas” (Santaella, 1998) acreditamos ampliar o repertório de experiências com a linguagem visual que podem contribuir para a mobilização do processo criador dos alunos e professores e a produção de narrativas.

Nessa pesquisa-intervenção definimos como objetivo a investigação de como a linguagem fotográfica pode contribuir na construção do conhecimento, constituição de subjetividades, socialização e inclusão no espaço escolar, a partir da leitura das imagens realizadas pelos próprios alunos e suas diferentes narrativas produzidas ao longo das atividades desenvolvidas na oficina.

A linguagem fotográfica e sua interação com as demais linguagens expressivas constituem um amplo campo de pesquisa e nos aponta outras formas de construção da prática pedagógica e de remoção das barreiras à aprendizagem. Visando a integração do aluno com necessidades especiais de aprendizagem, o grupo que participou das atividades da *Oficina de Photos&Graphias* foi formado por alunos com características e necessidades distintas, que freqüentam a escola regular ou especial da rede municipal. Desta forma, acreditamos que o diálogo desencadeado no processo de produção e leitura

das fotografias e das demais imagens produzidas na oficina possa revelar características que aproximam e distinguem o contexto das escolas, especial e regular, nos abrindo uma perspectiva crítica e sensível de observação e análise sobre a escola, o processo de ensino-aprendizado e de inclusão social.

Entendemos que esta pesquisa abrange dois procedimentos: o primeiro ligado à produção artística dos alunos explorando a linguagem técnica da fotografia e sua integração com outros recursos de expressão visual (desenho, pintura, colagem); o segundo, estaria ligado ao registro do processo de produção e análise / leitura deste processo e da obra produzida. Ultrapassando a restrita dimensão de representação da realidade, a fotografia é explorada, não só como técnica de registro, mas principalmente, como objeto de análise e mediação da relação do sujeito com o conhecimento do mundo e de si próprio. Além de ser um recurso de documentação, a fotografia é tomada como objeto de análise e de desencadeamento da produção de narrativas, que exploram a relação entre imagem e palavra.

Em foco: a tecnologia digital e a fotografia

Atualmente, os novos recursos tecnológicos de que dispomos, com as câmaras digitais e a possibilidade de digitalização da imagem, oferecem recursos que podem modificar, de certa forma, a experiência do ato fotográfico. As condições oferecidas pela câmera tradicional, quando não utilizamos nenhum outro recurso adaptado como disparador automático, tripé, etc, nos leva a compreensão da ação de selecionar, enquadrar e recortar o fragmento da realidade a ser fotografado como uma experiência solitária, individual e impossível de ser compartilhada. O visor da câmera tradicional funciona como uma pequena janela que se abre apenas para o olhar de um único observador-fotógrafo. Suas características não permitem o compartilhar da experiência visual de enquadramento da imagem que será fotografada. Aquilo que foi emoldurado pelo retângulo do visor pode ser visto somente por um único observador-fotógrafo. A imagem resultante do ato fotográfico somente poderá ser compartilhada após sua revelação e materialização, na fotografia.

Os novos recursos digitais nos permitem compartilhar, não somente o momento anterior e posterior do registro, mas também, o momento do *click* e do enquadramento da imagem. A pequena tela, o écran da máquina digital, oferece-se como espaço de possível compartilhamento de olhares, de negociação de sentidos e diferentes visões.

Desta forma, a mediação tecnológica da câmara digital nos abre uma outra possibilidade de experiência do ato fotográfico, possível de ser construído em parceria, mobilizando o diálogo e um olhar compartilhado.

Essas considerações são importantes na medida e em que pretendemos nos remeter e resgatar a experiência da *Oficina de Photos&Graphics*, destacando como a linguagem fotográfica possibilitou esse encontro com o outro e a construção de um projeto educacional inclusivo, mediado pelas linguagens artísticas, envolvendo a participação de um grupo de alunos onde, parte dele, é formado por alunos com seqüelas de paralisia cerebral que apresentam comprometimento motor e, alguns deles, não conseguem segurar e manipular sozinhos a câmara fotográfica e precisam de auxílio para acionar a máquina. Alguns alunos utilizam cadeira de rodas e necessitam de auxílio para locomoção. Outra característica do grupo é que, alguns alunos apresentam dificuldades de comunicação e verbalização. Necessitam de recursos adaptados e exploram outras formas de comunicação e expressão não convencionais. Adaptações de acesso são necessárias para atender o grupo e diferentes recursos são criados de forma a garantir maior independência no exercício de suas funções básicas.

A limitação motora do aluno se vê impedido de segurar com as próprias mãos a câmara fotográfica resultou na pesquisa de outras mediações para a experiência do ato fotográfico. Os alunos passaram a criar formas de compartilhar a experiência de produção da imagem fotográfica. Em duplas, um dos alunos segura a câmara, ação que não pode ser realizada por sua parceira devido à limitação motora. Enquanto isso, ambos compartilham o olhar pelo visor da câmara digital. Podem dialogar, negociar sentidos e, juntas, observar a cena recortada pela câmara, escolher o melhor enquadramento, pesquisar diferentes ângulos, levantar opções, enfim, objetivamente vivenciar a experiência de autoria coletiva de uma imagem. O recurso da câmara digital foi um importante meio tecnológico que viabilizou a conquista desta *autonomia compartilhada* pelos alunos da oficina, além de estimular uma outra forma de interação entre eles mediada pela câmara.

Durante as atividades realizadas na oficina, perguntamos ao grupo se preferiam usar a câmara digital ou a tradicional. Várias observações surgiram no debate que levaram à conclusão de que a câmara digital contribui e convida a uma experiência de *autonomia compartilhada* no ato fotográfico e facilita as ações de observar, enquadrar e recortar o fragmento de espaço e tempo selecionado para ser fotografado. Alguns alunos apresentavam dificuldades com a máquina fotográfica tradicional, não só em seu

manuseio, como no ato de olhar através do pequeno retângulo que constitui o visor desta câmera. Para eles a câmera digital viabilizou a experiência mais independente de fotografar enquanto, para outros, foi possível compartilhar mais plenamente deste ato com o auxílio de um colega ou de um adulto. A relação entre o corpo do fotógrafo e o corpo da câmera digital é diferente e mais distanciada. Esta distância permite a aproximação entre dois ou mais observadores-fotógrafos.

No início do trabalho com este recurso tecnológico, os alunos demonstraram certo estranhamento com o novo meio e, ao mesmo tempo, demonstraram curiosidade e interesse na utilização da câmera digital para produção das imagens. Descobriram que este recurso exigia uma nova maneira de fotografar e que isso poderia servir ao grupo.

Considerando que o espaço da pesquisa-intervenção é também espaço de aprendizagem, cabe ressaltar que, a reformulação do projeto inicial de pesquisa, que não previa o uso da câmera digital e sua posterior inclusão como meio de produção de imagens foi realizada com o objetivo de atualizarmos a proposta de acordo com a solicitação do grupo e, desta forma, introduzimos modificações no espaço de aprendizagem, ou seja, na *zona de desenvolvimento proximal* (Vygotsky, . Em diferentes momentos, os alunos interferiram na dinâmica da oficina e no próprio processo de pesquisa, provocando e desafiando a pesquisadora a buscar novos caminhos para a concretização dos objetivos traçados e, com isso, a responsabilidade pela organização do processo foi compartilhada com o grupo. A partir do pensamento de Dietrich (2001), citado a seguir, pensamos sobre as possíveis formas de interação estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, na perspectiva de uma pesquisa-intervenção:

O espaço da ZDP é multidimensional, mudando o conceito e a função do expert, que deixa de ser o único responsável pela organização do processo: professor e aluno se encontram ali, juntos numa interação, e a dificuldade de determinar os lugares, as posições, não só se verifica em relação ao aluno, mas também ao professor.

Isto significa para os processos de aprendizagem, mesmo formalizados e organizados institucionalmente, que os papéis dos participantes não são necessariamente distribuídos de uma vez para sempre, no início do processo. Podem mudar, e cada um pode ser ora expert, ora aprendiz, ora professor, ora aluno, consoante aquilo que acontece ao longo do processo pedagógico concreto(...) (Dietrich, 2001, p.17).

Da mesma forma, ao longo da pesquisa, observamos alterações na organização do processo: as questões iniciais trazidas pelo pesquisador para o campo de pesquisa ganham uma nova configuração na interação e no diálogo com o grupo, a partir das

contribuições e de outras questões que são apresentadas e construídas na interação entre pesquisador-pesquisado.

Animação de imagens : uma nova interface entre a fotografia e os meios digitais na produção de narrativas

Ao longo da pesquisa-intervenção, foram convidados alguns fotógrafos e outros profissionais do campo de produção de imagem para participarem dos encontros com o objetivo de intercambiar experiências e falar sobre processo de criação. Esses encontros consolidaram a perspectiva de trabalho, que vê no contato do jovem com o adulto, na relação entre educador, educando e o profissional /fotógrafo a possibilidade de ampliarmos as interações dialógicas e de criarmos novas mediações para a construção do processo de ensino-aprendizagem. A intenção não é que o profissional atue como um *expert*, que venha simplesmente transmitir informações técnicas ou mostrar como se faz, para quem, supostamente, não sabe como fazer. O objetivo é enriquecer e ampliar as formas de diálogo através das interações com este *outro*, no caso, o profissional /fotógrafo, que poderá intercambiar experiências e desafiar o grupo a novas descobertas e pesquisas.

Com este objetivo e, também, visando a exploração da interface entre a fotografia digital e outras mídias, desenvolvemos a atividade de produção de uma animação de imagens. Este projeto foi realizado como atividade de culminância da oficina e recebeu o título *A Explosão do Espelho Mágico*. No primeiro momento, o grupo criou uma história, coletivamente, que serviria como narrativa de base para a produção da animação. O grupo todo participava, trazendo idéias para o enredo e para a construção dos personagens. Depois de algum tempo de debate, resolvemos que a animação apresentaria a recriação de um dia de atividades na oficina e que os personagens seriam baseados na representação de cada membro do grupo. O grupo participou, sob diferentes formas e de acordo com as possibilidades de cada um, das diversas etapas exigidas para a produção da animação, ou seja: criação da história coletivamente; produção do *story-board*, pelo coordenador, e sua posterior análise e aprovação pelo grupo; criação e construção de personagens e cenários utilizando a técnica de modelagem com massinha; registro fotográfico, com câmera digital, quadro a quadro, da seqüência de cenas que compõem a história; análise do resultado obtido nas fotos e seleção do material a ser utilizado na computação gráfica e animação; animação das imagens por computação,

realizada pelo coordenador; projeção e avaliação da animação sonorizada e finalizada para o grupo.

Destacamos em nossa reflexão a participação do aluno Paulo, que atuou nas diferentes etapas descritas acima e, na fase de elaboração da história, influenciou o grupo para a criação de uma personagem feminina. A inspiração para inserir esta personagem, chamada Marcela, veio do fato de Paulo evocar este nome, constantemente durante os encontros, afirmando que seria de sua namorada. O aluno brincava com esta idéia e o grupo entrava no jogo, estimulando-o a contar suas histórias sobre essa namorada fictícia. A personagem foi inserida na animação e ganhou corpo como um dos bonecos representados pelos alunos com massinha. Enquanto Paulo descrevia as características físicas de Marcela, duas alunas da escola regular iam modelando a personagem, de acordo com sua descrição. No diálogo com o grupo, Paulo foi construindo a imagem de Marcela e definindo suas características, que seriam a de “uma mulher bonita, loira, que não usa óculos, magrinha, olhos azuis, cabelo igual da aluna Alcione, solto, tem carro branco, mini saia com as pernas de fora, 20 anos, sapato número 34, brinco pequeno, sem tatuagem no corpo”. As alunas da escola regular procuraram criar, um boneco que correspondesse à imagem descrita por Paulo. A personagem Marcela, que Paulo afirma ser inspirada em sua namorada, ganhou papel de destaque na história criada pelo grupo e na animação produzida a partir dela. Paulo demonstrou grande interesse em participar das diferentes etapas do trabalho e aprovou o resultado do trabalho realizado pelo grupo.

No diálogo transcrito abaixo, podemos ver o interesse do grupo em saber se Paulo havia gostado do resultado da modelagem. Após a observação de todos os bonecos criados com massa de modelar, perguntamos a Paulo:

Ana: Vamos pegar o depoimento do nosso amigo Paulo: “O que você achou da Marcela?”

- Ffiuuu,fiuu!... (alguém do grupo assobia)

Sergio: Opa!!!...

Ana: Aprovou? Iiih... o Sergio está mexendo nela, olha... (risadas do grupo e reclamação do Paulo). A Marcela, na história, é a namorada dele, é o amor dele. E a Marcela foi feita inspirada numa figura que existe, que ele gosta muito. A Marcela existe...

Luciana: Não sabia que existia uma Marcela...

Ana: Existe... Eu não sei se a Marcela é exatamente assim como ele definiu...(risadas do grupo e do Rui). Mas existe uma Marcela.

Sergio: Paulo, é do Big-Brother Brasil?

Ana: Não é do Big-Brother essa Marcela, é uma Marcela que existe...

Sergio: Não é Marcela, é Manuela...

Ana: Ah, é... Aquela é Manuela, não é Marcela! Diz uma coisa: aprovou para ser a Marcela? Paulo afirma que sim com a cabeça e o grupo todo ri.

Ana: Ela está com o barbante, quer dizer, com o arame? Gente, olha só... Cinturinha, mini-saia... Tudininho como a encomenda...

Luciana: Olho azul... Batom, cabelão...

Alciete: E o carro?

Ana: Vocês querem uma caixa para ajudar a fazer o carro?

Alciete: Queremos.

e Melize

Melize: Tem que ser carro pequeno ou tem que ser grande?

Felipe: Carro pequeno.

Ana: O carro da loura que vai aparecer!

Durante todo o processo de elaboração da animação, observamos que há uma tentativa de incorporação de dados da vivência real dos alunos, de suas características pessoais de comportamento, de sua aparência física e de seus desejos na elaboração dos personagens e na modelagem dos bonecos. Sabemos que, ainda hoje, existe um grande preconceito social em relação à sexualidade da pessoa com deficiência física e mental. Associa-se à deficiência a idéia de que a pessoa é incapaz de viver plenamente sua sexualidade e afetividade.

Paulo cria situações em que demonstra seu interesse e conhecimento sobre a experiência sexual e afetiva do outro, mas não encontra socialmente o contexto favorável para o exercício do seu próprio desejo e de sua capacidade de se relacionar com alguém do sexo oposto, além das pessoas de seu círculo familiar. Ao longo da oficina, observamos algumas estratégias, onde o aluno simbolicamente cria situações, personagens fictícios e brincadeiras que explicitamente apresentam estas questões relacionadas à tentativa de exteriorizar seus sentimentos e desejos reprimidos.

Durante a produção da animação, o grupo cria uma história que fala da sua própria experiência, da sua vivência no cotidiano da *Oficina de Photos&Graphias* e, através da linguagem simbólica, fala de si, de cada um dos participantes e das relações intersubjetivas estabelecidas no grupo. O jogo dramático, o faz-de-conta, como uma outra forma de linguagem, baseada na imaginação e na fantasia, permite a aproximação da realidade e sua incorporação a partir do lúdico, da imaginação e do simbólico.

Segundo Walter Benjamin (1984a), o lúdico e a brincadeira são campos fundadores da experiência humana, que devem ser explorados como caminho de expressão e formação da personalidade. O autor reivindica o importante papel do lúdico, tanto para a experiência da criança como para o adulto: “Rodeadas por um mundo de

gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, (brincando) liberta-se dos horrores do mundo” (Benjamin, 1984a, p.64).

As narrativas, o brincar, as criações culturais pertencem ao reino intermediário entre psique e realidade e participam de ambas dimensões. Benjamin nos fala da importância do brincar como origem das experiências narráveis e da criatividade como forma de a criança viver plenamente sua infância, exercitando seu potencial lúdico e sua imaginação. Neste contexto, valoriza a improvisação teatral como lugar de onde emergem pistas para a construção de uma linguagem mimética criativa e revolucionária.

Na psicanálise e em Benjamin, encontramos o sonho e a obra de arte possibilitando o encontro dos tempos presente, passado e futuro(...). Para Benjamin, o sonho, matéria-prima da fantasia e da obra de arte, liga o passado e o presente, e nos orienta para um despertar futuro. Mas, não é só o indivíduo que sonha, senão as épocas também, e “cada época sonha não somente com a seguinte, mas ao sonhá-la, a força a despertar” (Benjamin, 1986a, p.162). Num circuito de interações entre os sonhos individuais e coletivos, os indivíduos apropriam-se de aspectos da cultura, elaboram-nos oniricamente, e devolvem-nos à cultura como desejos objetivados. O narrador teria acesso aos sonhos coletivos de diferentes épocas, e suas produções possibilitariam *o encontro entre os agoras passados, presentes e futuros* (Schweidson, 1996, p.104).

Nas diferentes atividades onde exploramos a linguagem teatral e o jogo dramático percebemos que as narrativas construídas nos aproximam de temas mais delicados, que não costumam ser verbalizados nas interações cotidianas. Com a mediação do jogo dramático, do lúdico, da fantasia e da imaginação, a explicitação de seus pensamentos é facilitada e os alunos falam de assuntos que não conseguem abordar de outra forma, a não ser a partir da produção e mediação das formas simbólicas. No diálogo produzido durante a elaboração e fruição dessas formas simbólicas, são construídos outros caminhos de acesso a questões mais subjetivas, à expressão de suas emoções, sentimentos e conflitos.

No caso de Paulo, ele resgata a imagem de uma jovem que realmente existe e que ele conhece, chamada Marcela, e mistura a este dado da realidade seu desejo de ter uma namorada. Como não consegue concretizar a experiência de estabelecer este compromisso, como não tem efetivamente uma namorada, ele resgata seu desejo no jogo simbólico estabelecido com seus interlocutores em diferentes situações. Brinca com sua própria condição e leva seus interlocutores a pensar sobre as dificuldades e possibilidades que a pessoa com deficiência encontrou, ao longo da história do homem,

e ainda encontra, para conseguir romper com as barreiras culturais e sociais, para construir laços afetivos e para viver plenamente sua sexualidade.

Entendemos que a convivência das múltiplas linguagens e tecnologias de produção da imagem fotográfica nos abre um amplo espaço de experiência sensível e de criação. A um novo recurso tecnológico se soma toda a bagagem de experiência adquirida no contato com diferentes meios, procedimentos e materiais. Partindo do princípio básico da *foto-grafia*, da possibilidade de construir uma escrita pela luz, o homem vem desenvolvendo ao longo de sua história sistemas paralelos de produção da imagem fotográfica que guardam semelhanças e diferenças entre si. Cada um desses sistemas recorre a um tipo de mídia, a um meio de representação técnica, com um esquema de visibilidade muito próprio. Convivem paralelamente dentro do contexto de produção de imagem do mundo contemporâneo.

Ressaltamos que neste processo de convivência transversal dos diferentes meios de produção da imagem, o estudo sobre a fotografia digital vem complementar a discussão sobre as relações homem-instrumento. Pode, assim, contribuir para a reflexão sobre a necessidade de construção de novas alianças entre as manifestações artísticas e as novas tecnologias; entre o homem e a câmera; entre os diferentes meios, mediações tecnológicas e os processos de ensino-aprendizagem. Essas alianças foram exploradas ao longo da *Oficina de Photos&Graphias* e mobilizaram a construção de diferenciadas formas de interação, de comunicação, de conhecimento e o desvelar de “compartilhados olhares” sobre a experiência de ser, perceber e estar no mundo.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. Obras *Escolhidas I - magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1984a.

DIETRICH, J. *A Oficina do Olhar: projeto pedagógico para o MIMO*. Leiria – Portugal, Museu da Imagem em Movimento, 2001 (mimeo).

LOPES, A. E. *Olhares Compartilhados: o ato fotográfico como experiência alteritária e dialógica*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2005.

SANTAELLA, L. “Os três paradigmas da imagem”. In: SAMAIN, E.(org.). *O Fotográfico*. São Paulo, HUCITEC, 1998.

SCHWEIDSON, Edelyn, *O Espírito vivo da comunidade (Walter Benjamin)*. In: PAIVA, Vanilda (Org). *A Atualidade da Escola de Frankfurt. Contemporaneidade e Educação*.

Revista Semestral de Ciências Sociais e Educação. Publicação do Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Ano I, nº 0-1996-Rio de Janeiro.

VYGOTSKY, L. *Fundamentos da Defectologia*. Havana, Editorial Pueblo y Educación, 1989. Tradução cubana.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins fontes, 1987a.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

Arte-educadora, Professora da Universidade Estácio de Sá e do Instituto Helena Antipoff-Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia, PUC-Rio; Mestre em Educação, UERJ; Especialista em Arte Educação, USP; Licenciada em Educação Artística-Artes Plásticas, PUC-Rio.